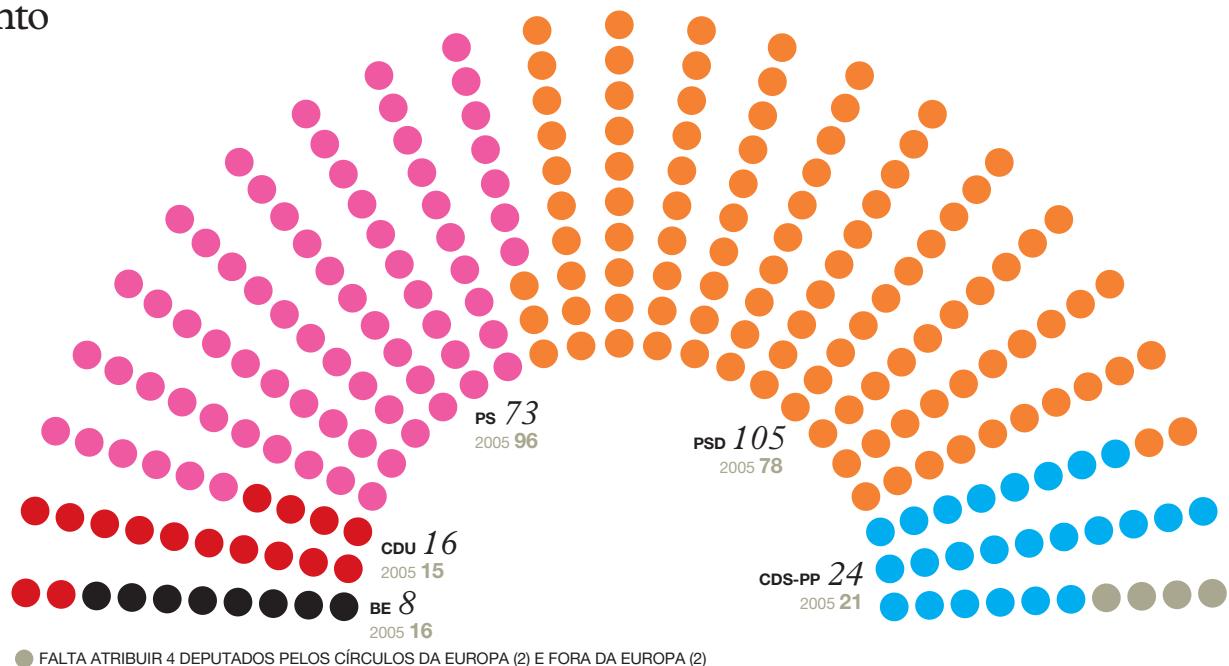


Rosa murchou em São Bento

PS PERDEU 23 DEPUTADOS

Novo parlamento Pode ser visto como a confirmação da queda iniciada em 2009. Ontem os socialistas perderam quase o mesmo número de deputados que nessa legislatura, numa quebra que desta feita foi aproveitada pela direita para reassumir a liderança da Assembleia da República. PSD garantiu mais 28 lugares e o CDS mais quatro.



PSD sem desculpas para falhar. Programas antitroika chumbados

Sócrates arrastou socialistas para níveis de 1991 e PSD fica sem desculpas para falhar compromissos. Total de votos nos pequenos partidos, brancos ou nulos dava para 16 deputados

FILIPE PAIVA CARDOSO
filipe.cardoso@ionline.pt

No mundo dos números, o relato dos vencedores, vencidos ou empataos é simples e factual. PSD, CDS ganharam, PS e Bloco de Esquerda perderam, e muito. Quanto à CDU, voltou a empatar consigo mesma – mas já lá vamos.

O PSD, ainda com os quatro mandatos dos votantes fora de Portugal por atribuir, tem já garantidos mais deputados que PS, CDU e Bloco de Esquerda juntos, tendo conquistado mais 28 lugares que nas eleições de 2009. Os socialistas foram os grande derrotados, com menos 23 lugares, lado a lado com o Bloco de Esquerda, que viu a sua dimensão na Assembleia da República cortada a meio, de 16 deputados para oito. Uma derrota clara. Quanto ao PCP, apesar de ter recuperado um deputado em Faro – algo que não conseguia desde 1991 –, conseguiu nos resultados globais o registo do costume: desde 1991 que a CDU varia entre os 8,8% e os 7,88% sem grandes oscilações e ontem arrecadaram pouco menos de 8% e 16 mandatos, mais um do que em 2009. Já o CDS, apesar de ficar aquém

dos 14% estipulados como meta optimista, consegue superar os 10,46% de 2009, reunindo a preferência de 11,74% do eleitorado, o que lhe atribuiu 24 lugares no parlamento. Juntos, PSD e CDS contam com 129 lugares, bem acima dos 116 necessários para garantir maiorias.

Só em Setúbal, Santarém e Leiria, o PSD conseguiu mais dois mandatos em cada distrito quando comparados com os resultados de 2009. Já em Bragança, Francisco José Viegas baptizou o distrito como o “passistão”, já que o PSD venceu nos 12 concelhos, à imagem do que Cavaco Silva conseguiu. E por falar no actual Presidente da República, os resultados de ontem também recuperaram outro marco dos anos 90: o Partido Socialista acabou ontem reduzido a um espaço no parlamento, que não tinha desde 1991, quando Cavaco Silva conseguiu 135 deputados contra os 72 eleitos do PS – o resultado de ontem de José Sócrates foi mesmo o pior registo do PS nos últimos 24 anos, com 28,05% dos votos. Mas, e à excepção da vitória em Bragança, Pedro Passos Coelho ficou mais perto das marcas de Durão Barroso em 2002 – os mesmos 105 deputa-

dos – do que das maiorias laranjas de outros tempos.

Outro resultado que merece realce foram os 17 deputados conquistados pelo PSD no Porto – mais cinco do que em 2009 –, quase todos à custa do PS, que perdeu quatro lugares na Invicta. O outro deputado conquistado pelo PSD foi roubado ao Bloco de Esquerda. Roubo idêntico ocorreu em Braga – PSD ganhou dois lugares ao PS e outro ao BE. Já em Lisboa, o PSD elegerá 18 deputados, contra os 14 do PS e os sete do CDS.

ANTITROIKA CHUMBADO O que fica evidente dos resultados de ontem é o chumbo dos portugueses à retórica anti-FMI da esquerda mais à esquerda. Se a CDU obteve um resultado em linha com as suas performances passadas, Francisco Louçã e a retórica inflamada anti-ajuda externa e pró-renegociação imediata da dívida foi dizimada pelos portugueses: Os 5,19% de ontem atiram o Bloco para níveis anteriores a 2005.

Já as votações asseguradas pelo PSD e pelo CDS apontam para o sentido contrário: foi dado um mandato claro para cumprir o programa da troika e a maioria de direita não terá desculpas para falhar o mesmo, isto apesar do apertado calendário exigido pelo Memorando (ver pág. 35).

ABSTENÇÃO E REVOLTA RECORDES As eleições de ontem ficam também marcadas por níveis recorde de abstenção – 41,1% – e de protesto. Foram registados 148 mil votos (2,67%) em branco e mais 75,2 mil votos (1,36%) nulos, contando-se assim mais de 223 mil portugueses que se dirigiram às mesas de voto para não escolher nenhum partido. Se a estes juntarmos os 4,42% de eleitores (ver texto ao lado) que votaram nos partidos sem representação no parlamento, contam-se 8,45% de votos que fugiram aos cinco partidos com assento parlamentar, ou seja, mais do que o total de eleitores que escolheram a CDU, por exemplo, o equivalente a mais de 16 deputados na Assembleia da República.

Portugal dos pequeninos. A revolta ganha força

●●● O conjunto dos partidos sem assento na Assembleia da República conseguiu ontem um resultado que não era visto desde 1980, arrecadando mais de 4,4% das preferências dos eleitores. O culpado foi sobretudo o PCTP/MRPP, que conseguiu a sua maior votação de sempre – com 1,12%. Mas, nesta segunda divisão da política portuguesa, a surpresa da noite foi mesmo o PAN, que na sua estreia garantiu uma votação de 1,03%, o equivalente a perto de 57 mil votos contra os poucos mais de 61,5 mil de Garcia Pereira, o rei do Portugal dos pequeninos.

O PAN acabou por empurrar o MEP para fora do pódio da segunda divisão, mas o partido dos nanominicomicrocomícios foi também ultrapassado pelo Partido da Terra. O MEP ficou-se pelos 0,39% (0,44% em 2009), contra os 0,41% do MPT (0,06% e último lugar em 2009).

O Partido Humanista, o POUS e o PDA foram este ano os três partidos menos votados – com 0,06% e um empate a 0,08%, respectivamente. Já o PNR passou de 0,2% para 0,32%, o PPV manteve os 0,15% e a Nova Democracia caiu de 0,38% para 0,21%.

No conjunto dos resultados de ontem, os partidos que não elegem nenhum deputado roubaram 4,42% dos votos à primeira divisão, mantendo assim a tendência de crescimento dos últimos anos. Se até 1980 os partidos sem deputados conseguiam fatias a rondar os 4%, desde então nunca mais chegaram a superar esta fasquia até ontem. O pior resultado foi em 2002, quando não superaram os 1,59% de votos.

Filipe Paiva Cardoso